

Economia - Para (tentar) entender um pouco sobre a crise da economia norte-americana

Rogério Duarte Fernandes dos Passos

A crise da economia norte-americana ameaça bater às portas de todo o mundo. E para tentar entendê-la, é preciso considerar o quadro que se criou no mercado imobiliário do país.

A situação teve impulso nas hipotecas. Elas causaram uma crise em todo o mercado imobiliário, uma vez que as hipotecas da modalidade subprime – aquelas que apresentam maior risco de inadimplência pelo fato de terem como beneficiários pessoas com histórico de inadimplência, além de menor e mais difícil comprovação de renda –, passaram a ser não-pagas.

De três anos para cá, o mercado imobiliário dos Estados Unidos da América (EUA) se expandiu rapidamente, tendo por estímulo a baixa dos juros (imaginem, em 2003, eles ficaram próximos a 1% ao ano) estabelecida pelo Federal Reserve (o Fed, o Banco Central norte-americano) para uma incrementação econômica diante da crise das chamadas “empresas pontocom” (como são referidas as empresas de tecnologia).

Assim, a compra de casas parecia se tornar um interessante investimento, em especial, as que estavam em construção – e que não paravam de valorizar –, crescendo também, a busca por novas hipotecas que pudessem garantir o pagamento dessas obrigações e propiciar mais

consumo – inclusive o supérfluo –. Seguiram-se também empréstimos de toda a ordem – garantidos pelos tomadores com os seus imóveis – financiando carros, cartões de crédito, telefones celulares, microcomputadores, entre outras “maravilhas” do mundo de consumo.

Após o preço dos imóveis começar a cair em meados de 2007 – lembre-se que a oferta deles ultrapassou a demanda –, os que antes neles tinham investido, tentaram vendê-los, gerando grande oferta de casas no setor imobiliário, e, por conseguinte, propiciando que o seu valor de mercado caísse vertiginosamente. Sem compradores, a ciranda iniciada pela expectativa da valorização das casas – especialmente para uma possível revenda –, não se realizou, e aqueles que tomaram dinheiro emprestado se viram sem recursos para pagar todas as dívidas que tinham contraído, inclusive – e repita-se – as dívidas oriundas de exacerbado consumo. Esse quadro propiciou grande inadimplência junto às instituições financeiras, que não recebiam pelas dívidas que tinham por garantia as hipotecas das casas em construção – lembremos que nos EUA é possível hipotecar um imóvel por mais de uma vez –, e daquelas utilizadas pelos próprios moradores, ocasionando, como consequência macroeconômica, desaceleração no crédito e no consumo.

Considerando que as hipotecas subprime são de significativo risco, em tese, elas são passíveis de proporcionar um retorno financeiro mais interessante, de maneira que gestores e outros especuladores – inclusive instituições financeiras – tentaram obter maiores ganhos com esses títulos, comprando-os das instituições que originalmente tinham alocado os recursos para os tomadores, avalizando, na prática, a concessão de um outro empréstimo, que desmorona uma cadeia quando o devedor originário da obrigação se torna inadimplente, gerando crise de liquidez e de confiança no mercado. Lembre-se que os empréstimos foram feitos para saldar os imóveis em seu respectivo valor de mercado à época da primeira negociação, mas depois não encontraram correspondência no valor de mercado vigente após a expressiva desvalorização, inibindo, como já dito, a concessão de novos créditos.

A crise atingiu os bancos, de maneira que o Lehman Brothers, tradicional instituição financeira – então o quarto maior banco de investimento norte-americano, e com 158 anos de existência –, teve a sua falência decretada em 15-09-2008, tendo que vender a sua divisão de gestão de ativos Neuberger Berman por US\$ 2,15 bilhões aos investidores financeiros americanos Bain Capital e Hellman & Friedman, acontecendo o mesmo com outras instituições do setor, como a Merrill Lynch (vendida ao Bank of America), o Washington Mutual (adquirido pelo JP Morgan Chase) e, também, com o Wachovia (emcampado pelo Citigroup), que junto com outros conglomerados financeiros – a exemplo do UBS e da Bear Stearns –, têm experimentado enormes prejuízos. A própria seguradora AIG precisou de um empréstimo de US\$ 85 bilhões do Fed em virtude de não conseguir recursos e financiamentos junto a outras instituições. A situação assumiu proporção tal que o governo dos EUA disponibilizou uma “ajuda” estimada em US\$ 200 bilhões a duas das maiores empresas hipotecárias do país – justamente a Fannie Mae e a Freddie Mac –, responsáveis por boa parte do financiamento do mercado de habitação, impedindo-as, portanto, de quebrar, e, também, de gerar um quadro de instabilidade social, nitidamente indesejável em época de sucessão presidencial.

Ainda no dia 29-09-2008, o governo do presidente George W. Bush enviou para a Câmara de Representantes – a Câmara dos Deputados dos EUA – um projeto de ajuda de aproximadamente US\$ 700 bilhões ao sistema financeiro, que, tendo 205 votos favoráveis, foi rejeitado por 228, mesmo com a maioria dos parlamentares votantes sendo do Partido Republicano (o mesmo de Bush), muito embora o já aludido contexto eleitoral da disputa presidencial entre o candidato democrata Barak Obama e o republicano John McCain tenha influenciado significativamente no resultado, pois, provavelmente, os parlamentares consideraram a insatisfação do eleitor e contribuinte norte-americano com a destinação de recursos dessa natureza para “apagar incêndios” dos homens de Wall Street.

Mesmo o episódio demonstrando que a capacidade de liderança do presidente Bush está visivelmente comprometida, o mandatário estadunidense persiste nas negociações com o Congresso para a aprovação do pacote para os próximos dias, “advertindo” que cada dia a mais que se esperar, mais grave a situação se tornará.

Observe-se que na era do capitalismo globalizado, os recursos financeiros gerados no âmbito doméstico dos EUA podem ser adquiridos por investidores de outras partes do mundo sob a forma de títulos negociáveis, de maneira que no atual quadro de instabilidade, se instaura um clima de apreensão e incerteza nos mercados. As bolsas, por exemplo, apresentaram grandes baixas, como a de São Paulo – que caindo mais de 10 pontos, teve o pregão do dia 29-08-2008 interrompido –, e outras, como as de Tóquio e Sydney, que após a rejeição do pacote de ajuda proposto por Bush, abriram, respectivamente em baixa de 1,51 e em queda de 5 %.

Por seu turno, no Brasil, de forma coerente com as opiniões dos especialistas, o presidente Lula reitera a responsabilidade dessa situação aos EUA, segundo ele, detentor de um verdadeiro cassino financeiro, afirmando também que os países emergentes não poderiam ser responsabilizados pela crise, que deverá ser solucionada pela “sabedoria americana”. Em sentido semelhante, de forma oficial se pronunciou a Comissão Européia – órgão executivo da União Européia – ainda no dia 30-08-2008, aduzindo que a crise deve ser atribuída exclusivamente aos norte-americanos.

Numa crise que traz à memória o crash da Bolsa de New York de 1929, vemos que o mercado não dispõe de mecanismos alardeadamente tão seguros e eficientes como se prega para uma possível autoregulação, donde se reaviva a “eterna” discussão acerca da criação de mecanismos internacionais de controle de investimentos e fluxos financeiros.

Por fim, ressalte-se o lado mais sombrio dessa crise, que é justamente aquele que atinge a qualidade de vida das pessoas nos EUA. Enquanto se especula acerca dos mecanismos de solução da crise, paralelamente a imprensa de todo o mundo volta-se para retratar o cotidiano de cidadãos de várias localidades do país, como no caso da cidade californiana de Santa Barbara.

Outrora habitantes de amplas e valiosas moradias, vê-se nesse momento pessoas residindo no interior de trailers e caminhonetes por terem perdido as suas casas pela inadimplência de suas hipotecas, compartilhando de seu apertado espaço com os filhos, com utensílios domésticos e até mesmo com os animais de estimação, em oposição ao muitas vezes desenfreado padrão de consumo de poucos meses atrás. Dentro dos carros, durante a noite pessoas revezam-se na vigilância inerente daqueles que estão expostos aos imprevistos de um espaço público. Nesse quadro, com as óbvias restrições que isso traz, os banheiros públicos são usados para banho e higiene pessoal até antes de seu fechamento, numa perspectiva bem diferente daquela que sempre foi propagada pelo “sonho americano”, ou mesmo, pelo tão propagado american way of life.

Haverá recessão na economia dos EUA? A crise se espalhará por outros mercados e por outros países? A crise afetará o Brasil? Será possível extrair algum aprendizado de mais essa crise?

As respostas? Bem; só o futuro será capaz de mostrá-las.

Disponível em:

<http://www.netlegis.com.br/indexRJ.jsp?arquivo=/detalhesNoticia.jsp&cod=45114>

Acesso em: 07 de outubro de 2008.